

Cidadania tecnológica

Juremir Machado da Silva*

RESUMO

Este artigo examina o imaginário social diante das inovações tecnológicas, do ponto de vista da construção da cidadania. Trata-se de um estudo em andamento que busca a compreensão de três categorias: tecnologias do imaginário, imaginários tecnológicos e cidadania virtual. No centro da análise, está o papel da técnica para a ampliação da esfera pública.

Palavras-chave: tecnologia; imaginário; pós-modernidade; cultura; cidadania.

SUMMARY

This article examines social imagery as it faces technological innovations, from the point of view of citizenship formation. It is a study under way trying to understand three categories: imagery technologies, technological imageries and virtual citizenship. At the core of the study we find the analysis of the role of technique to increase public range.

Keywords: technology; post-modernity; culture; citizenship.

RESUMEN

Este artículo examina el conjunto de imágenes sociales frente a las innovaciones tecnológicas, desde el punto de vista de la construcción de la ciudadanía. Se trata de un estudio en realización que busca la comprensión de tres categorías: tecnologías de la imagen, imágenes tecnológicas e ciudadanía virtual. En el eje del análisis, está el papel de la técnica en la ampliación de la esfera pública. Palabras llave: tecnología; imágenes; post-modernidad; cultura; ciudadanía.

Na era da “democracia virtual”, pode ser cidadão, quem não pilota um computador, não troca mensagens eletrônicas, não participa de grupos de discussão on-line, não está conectado a rede nem navega no ciber mundo com a galhardia dos descobridores do Novo Mundo? Pode haver cidadania quando o real se dissolve ou muda de estatuto? Pode existir cidadão quando o homem passa de pessoa a consumidor e de indivíduo a cibernauta? A cibercultura altera a natureza da cidadania ou apenas a desenvolve?

Em estudo, ainda inédito, sobre as “tecnologias do imaginário e os imaginários tecnológicos”, abordou-se o vínculo entre essas duas situações invertidas. A cada descoberta no universo das tecnologias da comunicação, voltamos ao passado e ouvimos esta ou aquela Cassandra anunciar o fim do mundo. Num final de século, e de milênio, tudo isso é redundância. Em todo caso, não se trata de um cântico solitário. Um ruído apaixonado perturba o fluxo da triste mensagem: as sereias seduzem os navegantes com a Boa Nova da chegada ao Paraíso. As mesmas questões aparecem com outros disfarces (simulacros?): estamos lidando com novas tecnologias do imaginário ou com antigos imaginários tecnológicos? O virtual virou real ou este se tornou virtual com um salto sobre o precipício da verdade? O que era mesmo o real, visto que se pode agora assinar o seu atestado de óbito? A quem interessa a existência de um real (desde que isso de fato seja possível) palpável e, digamos, reconhecível a “olho nu”? Em resumo:

quem tem medo do virtual?

Nomes não faltariam para legitimar esta reflexão: Jean Baudrillard? Lucien Sfez? Paul Virilio? E, no outro campo, o da “situação”, Pierre Lévy? Joël de Rosnay? Nicholas Negroponte? Deixemos em paz os mestres. Todo homem tem direito a um estilo, a menos que lhe baste um conteúdo. As tecnologias do imaginário, categoria na qual podem ser arrolados o cinema, a televisão, a Internet etc., sem contar, em outra linha e em outra tradição, a literatura, acostumaram-se a fazer o jogo do imaginário tecnológico, denunciando a opressão do homem pela técnica. Talvez seja uma astúcia para melhor reinar (ou lucrar), como em Truman Show, cuja crítica faz uma pirueta para recuperar e apropriar-se do discurso dos adversários da indústria cultural. Imaginem só: Hollywood consegue ganhar dinheiro parodiando a Escola de Frankfurt! Definitivamente, o mercado não respeita nada.

Para o imaginário tecnológico (exemplificado por filmes como Blade Runner), a humanidade está a serviço da técnica. Seres dependentes sofrem o impacto de descobertas malsãs, geradoras de infelicidade, de desemprego, de perda de identidade e de tantos outros males que nem Cassandra seria capaz de imaginar (Baudrillard, 1990). O espectro da tecnologia perversa ronda a literatura e o cinema. A ficção científica nunca é otimista. Ou quase nunca. Faz parte do gênero prever um futuro destruído pelo frio tecnológico. Nem a sociologia crítica consegue rivalizar com ela em pessimismo. O pecado original é a ciência, cuja

maldição provocará a queda tecnológica da humanidade.

Dado que compreender não é preciso, explicar não passa de pura ficção. Assim, para cada tese, uma antítese. Há quem jure que a tecnologia salvará o homem do abismo. De maneira geral, o pessimismo de certas obras de arte repete o pensamento tecnologicamente correto dos intelectuais, que reclamam do isolamento dos seres engolidos pela vertigem estimulada por novas máquinas destinadas a controlar docemente o espírito dos incautos. (Virilio, 1989) Contra uma prática de perdição, sabe-se, deve-se sempre empregar um discurso e uma estratégia de salvação. A crítica já não pensa em provocar crises, mas em sufocar a “parte maldita”. (Baudrillard, 1990, p.113-117) Não seria, porém, apenas um enunciado mal dito, feito de conclusões transformadas em premissas ou, pior, de impressões com estatuto de axiomas?

Para alguns, as tecnologias do imaginário serviriam para eliminar a esfera pública em benefício de um imaginário tecnológico constituído, não de cidadãos, mas de utilizadores. (Virilio, 1995) O milênio apaga-se; o abismo entre esses dois campos de análise aprofunda-se, embora, vez ou outra, a palavra “científico” ressoe no céu da incerteza para impor uma verdade duvidosa. As humanidades não são ciências, mas somente um discurso que ainda sonha com a legitimidade irretocável. A pureza, no entanto, é um ideal totalitário.

Para os incondicionais das novas tecnologias do imaginário, a humanidade está ampliando a sua esfera pública graças ao aparato fornecido pelo virtual. (Rosnay, 1995) Como toda polêmica essencial, esta já parece superada para os que escolheram o caminho da adesão; e nem sequer começada na opinião dos que apontam o avanço inexorável dos clones, das máquinas, da incomunicabilidade etc. No entender destes, acabamos de mergulhar no grau zero da interatividade, justamente quando esta se tornou a palavra da moda. (Baudrillard, 1995)

Para uns, a era da comunicação total chegou. O século XXI será do contato ou não será. Para outros, o silêncio é maior do que nunca; quando todos podem manifestar-se, descobre-se que

não há nada a dizer. Se Lévy (1993) e Negroponte (1995) acreditam que as tecnologias do imaginário vão enfim realizar o melhor dos mundos, Virilio (1995) e os seus seguidores protestam contra a tecnologia assassina que mata, mais uma vez, o natural para assegurar a hegemonia do artificial. Já Baudrillard (1990) advertira: o homem espera que a inteligência artificial o salve da sua estupidez natural. Pura ilusão: o natural é apenas um artifício.

Entre Cândido e Pangloss, os passageiros da novidade deveriam escolher a permanência do fluxo. Estes, contudo, mostram-se cândida ou perversamente indiferentes aos combates dos intelectuais e alguns até zombam do que ousam mesmo chamar de “fundo de comércio” dos profissionais da suspeita ou dos publicitários da Terra Prometida. Cada escola, convencida da universalidade da sua verdade particular, colhe os frutos da sua capacidade argumentativa de sedução e de persuasão. Novos sofistas disfarçados de velhos iluministas versus velhos mercadores fantasiados de novos salvadores.

Para os apocalípticos de plantão, a indiferença dos utilizadores é a suprema

Para uns, a era da comunicação total chegou. O século XXI será do contato ou não será. Para outros, o silêncio é maior do que nunca; quando todos podem manifestar-se, descobre-se que não há nada a dizer.

prova de que a tecnologia devasta o imaginário social e asfixia a potência crítica da maioria. Não deixam de estar certos, embora consigam, até certo ponto, estar errados. Têm por pressuposto um passado fictício de supremacia da crítica ou um futuro imaginário livre de todas as mitologias. Tais adversários têm um ponto em comum: a incapacidade de conviver com o conflito. Ambos desejam impor uma linha de conduta, um olhar depurado sobre o mundo da ambigüidade.

A simples inversão de uma expressão

- tecnologias do imaginário ou imaginários tecnológicos - inverte as percepções de um mesmo mundo. Onde está, pois, o real identificável sem hesitação? A obsessão pelo real conduz à ilusão da verdade; o combate aos desvios do virtual leva ao retorno do positivismo. Nenhum paradigma pode ser imposto pelo simples fato de considerar-se que sem paradigmas a epistemologia confessa a sua impotência e o caos apossa-se das sociedades. A verdade não se consolida por ser necessário possuir uma, mas por condições de consistência interna alheias ao politicamente correto.

Não é falso dizer que a ilusão da verdade é o produto das condições tecnológicas de determinada época. Eis o paradoxo: o progresso técnico traz também outras incertezas, como não se cansa de explicar Edgar Morin (1998), e talvez apenas uma grande verdade: a ausência de verdade definitiva. As tecnologias de hoje liberam os homens das tecnologias de ontem, ou seja, das crenças e dos dogmas possíveis antes da atual onda tecnológica. Passamos do imaginário tecnológico da certeza às tecnologias do imaginário da incerteza. Quanto mais as tecnologias do presente nos dominam, mais nos libertam da influência tecnológica do passado. No horizonte, portanto, não se vê o homem enfim livre, mas apenas o ser às voltas com a impossibilidade de superação do possível ou com as probabilidades de construção do impossível.

Se guardarmos certa lógica, veremos que a ascensão da incerteza contradiz as pesadas certezas do otimismo de alguns dos representantes das tecnologias do imaginário. Estes substituem as utopias políticas e comportamentais fracassadas por utopias tecnológicas à la carte. Navegar seria necessário. Na mesma linha, a incerteza arruína a fé dos filhos do pior na negatividade inquestionável da tecnologia. A incerteza complexifica e põe em dúvida essa certeza simples. Aqui, ainda, ecoa o pensamento de Edgar Morin (1995 e 1998). Os adeptos do pior caem na nostalgia das antigas e seguras utopias e não aceitam repensar os seus projetos futuristas. Enquanto pensam defender a crítica radical, contentam-se em edificar fortalezas contra as invasões críticas dos

inimigos das suas certezas.

Quando a utopia se torna imutável, perde o caráter transformador e se converte num ideal norteador reacionário. No caso das tecnologias do imaginário, aposta-se numa fuga para a frente. Tudo se resolverá. Basta deixar a tecnologia frutificar. No caso dos imaginários tecnológicos, empreende-se uma retirada estratégica, um recuo para o imemorial tempo da liberdade crítica; era mítica em que a crítica não se fazia necessária. Nas duas situações, o mito - feixe de motivações afetivas que racionalizam elementos derivados da racionalidade - ergue castelos e derruba argumentos.

Os espíritos pragmáticos perguntarão: e então, tecnologias do imaginário ou imaginários tecnológicos, onde se refugiar? Como escolher? Não se trata, porém, de um jogo interativo de oposição binária. Para melhor abordar o problema, deve-se abandonar o espaço da indeterminação determinada. Os críticos dos efeitos nefastos da tecnologia, pesados de erudição, buscam em Heidegger o argumento de autoridade (ninguém está livre disso na estrutura do discurso intelectual) capaz de demonstrar que a técnica não produz instrumentos, mas mundos transformados pelas suas descobertas. Daí decorreria um certo fatalismo: a tecnologia sempre seria um instrumento do artificial contra o natural.

Ora, a cultura, no sentido antropológico do termo, nada mais é do que o avanço do artificial sobre o natural. Nem por isso se deve apostar no cartesianismo antiecológico. A cultura implica a intervenção do homem na natureza para que este, com ajuda de ferramentas, no pior dos casos, o da concepção moderna, domine o universo natural ou, em tempos de nova consciência, interaja e negocie com ele. Ainda assim, ninguém desconhece o desemprego provocado pela automação ou a poluição gerada pelos surtos de industrialização forçada. Bem mais difícil é provar que a televisão faz crescer a violência no cotidiano ou que a Internet multiplica o isolamento das maiorias separadas do real por uma tela.

Em se tratando de televisão, não é preciso tanto. A vulgaridade que domina a programação brasileira - exposta ao

bestiário de Ratinho, Leão e tantas outras fera do zoológico da imundície "imaginária" - basta para alarmar mesmo os mais tolerantes e "liberais". Apesar do desvio em relação à linguagem acadêmica, é imperativo salientar que a televisão nacional está dando à cara do Brasil a imagem de uma bunda. Quando a audiência é o limite, o mercado comanda, a

Ora, a cultura, no sentido antropológico do termo, nada mais é do que o avanço do artificial sobre o natural. Nem por isso se deve apostar no cartesianismo antiecológico. A cultura implica a intervenção do homem na natureza.

imprensa amplia e a platéia aplaude ou resigna-se. Fim de digressão.¹

Portanto, não há cultura sem artificios. Cabe a cada um apropriar-se das tecnologias do imaginário para desenhar outro imaginário tecnológico. Se a técnica muda o homem, este permanece capacitado para recuperá-la em seu favor, o que é, como todo mundo sabe, o caso da Internet, nascida militar e apropriada por espíritos científicos, pedagógicos, libertários, eróticos ou, como sempre, no outro lado do espelho, racistas, pedófilos, integristas etc. Quem ensina a ler, não pode esperar que apenas as suas obras sejam escolhidas pelo leitor.

Numa perspectiva mais ampla, seria menos importante mudar a tecnologia, o que remete outra vez a uma concepção metafísica da coisa, e mais decisivo voltar à discussão sobre as relações de poder - políticas, sociais, culturais e econômicas - para iluminar o imaginário de sociedade ou de uma época. As novas tecnologias da comunicação não inventaram o neoliberalismo nem eliminaram as desigualdades de classe, tendo servido de instrumento a uns e outros, favorecendo o fluxo de capitais e a especulação financeira ou a circulação de informações e a troca de afetos. O conteúdo das mensagens, diga-se o que se disser, continua a ser uma reserva natural (mas desigual) dos homens.

Em outras palavras, na esteira de Michel Maffesoli (1997) e de Edgar Morin (1995 e 1998), mas sem renegar a visão radical e irônica de Jean Baudrillard (1983), pode-se dizer que o imaginário tecnológico é o produto de um imaginário social, socialmente imaginado e construído, que condiciona em ricochete, conforme as tecnologias do imaginário disponíveis em determinado momento. Assim, uma concepção "dura" do real só interessa aos que acreditam possuir um projeto acabado para as sociedades, seja o comunismo ou uma religião qualquer. O real, como o projeto, não passa de um ramo imaginário, universalizável discursivamente, talhado por uma tecnologia do olhar, com o objetivo de substituir o papel "instituinte" da sociedade por uma "instituição" privilegiada: o discurso do outro — do saber, da ciência, da autoridade. De toda maneira, implica imaginar o homem sem a perdição.

Impor o virtual como o novo Messias é o projeto dos que, mesmo crendo na força libertária das tecnologias do imaginário, nada mais fazem do que se afundar no imaginário tecnológico, em ocorrência positivo. Evidentemente qualquer um poderia alegar que não há messianismo no elogio do que serve ao homem e vem do cérebro humano. Deus também é criatura. Salvar o real equivale a proteger, em nome de sonhos petrificados, uma espécie em extinção, cuja seiva escorre sem parar por entre as teclas dos computadores. Através do real e do virtual, mais uma vez, enfrentam-se os antigos e os modernos. Mas, desta vez, os modernos representam os antigos. Com as armas deste final de milênio, combatem os nostálgicos do final do século passado.

Se para Lênin o futuro estava na eletricidade, para os novos utópicos o amanhã vem sob a forma de bits (Negroponte, 1995). Outros ainda raciocinam em termos de válvulas. Partidários das novas tecnologias do imaginário e pensadores dos imaginários tecnológicos não sabem que, hoje, navegar, assim como viver, não é mais necessário, embora seja cada vez mais preciso. O real era a terra vista do mar. O virtual é o horizonte a perder de vista. Eis que uma mesma expressão gera dois mundos, os quais permanecem uni-

dos por uma mesma obsessão: o melhor dos mundos. Enquanto isso, os navegadores solitários lapidam mundos melhores, ou piores, na contramão do Velho Mundo. Alteram-se as embarcações; restam os caminhos à espera de novas cartografias. Sobram descrições fantasiosas ou grotescas dos novos territórios. Faltam respostas a eternas questões: navegar é mesmo preciso? Que Fernando Pessoa, padroeiro das naus, desculpe tantas vagas e tantos temporais por tão poucas descobertas no “coração das trevas”!

Os imaginários tecnológicos relatam a perda do espaço de evasão. Pouco importa. A evasão é um sonho. Sempre projetiva. Um olhar sobre o não-ser, sobre o querer ser, não mais do que um reflexo. Apenas a perdição é radical e imaginal (inútil). Quanto mais a modernidade tecnológica estreita o mundo, mais a evasão se transforma em simulação: experiências de vida sob medida, com repatriamento garantido, controle por satélite e seguro para toda a família. A evasão procura evitar o risco fatal. O acaso, não obstante, insiste em lançar os dados. Quem parte para uma semana de evasão sempre olha o boletim meteorológico antes do embarque.

O que é um imaginário? Uma máquina capaz de produzir rupturas, fábulas, tempestades, travessias perigosas. Não existe navegação sem a possibilidade do naufrágio. O resto é cabotagem (cabotagem?) O prisioneiro sobrevive graças ao sonho da evasão. Mas só entra em ação quando se sente perdido, nada mais tendo a conservar, a não ser o instinto da liberdade. O princípio do imaginário reside na atração pelo outro (por meios reais ou virtuais), rumo ao não dito, ao não feito, ao interdito. Não precisaríamos de imaginário para sermos sempre os mesmos.

Não amaríamos Rimbaud se o eu não fosse um outro. Imaginário e perdição formam um todo, sem legitimação definitiva possível. A tecnologia não passa de um produto derivado e auxiliar. Conforme a ironia de Baudrillard (1995), a morte do real pelo virtual seria enfim o crime perfeito. Houve outro: a teoria crítica matou o autor; o leitor não ficou sabendo. “A crítica ideológica e moralista, obcecada pelo sentido e pelo conteúdo, obcecada

pela finalidade política do discurso, nunca leva em consideração a escrita, o ato de escrever, a força poética, irônica, alusiva, da linguagem, do jogo com o sentido. Não vê que a resolução do sentido está ali, na própria forma, na materialidade formal da expressão” (Baudrillard, 1995, p. 148, tradução livre). O conteúdo só existe nas entrelinhas, jamais na superfície ou na

Os imaginários tecnológicos relatam a perda do espaço de evasão. Pouco importa. A evasão é um sonho. Sempre projetiva. Um olhar sobre o não-ser, sobre o querer ser, não mais do que um reflexo.

sua pretensa prova. O procedimento dito científico peca por circularidade. Sobre os cemitérios teóricos, passeiam o homem e o rato silvestre.

As novas tecnologias da comunicação não inibem a construção da cidadania, mas não são tampouco uma garantia de avanço nesse terreno em que o imaginário continua a ser o elemento determinante. Apenas o desenvolvimento total de um meio oposto à hierarquização emissor/receptor pode, de fato, construir uma esfera pública midiática libertária. Internet tecnicamente está apta a cumprir esse papel. No entanto, a dinâmica simbólica da distinção põe em risco essa possibilidade. O jornalismo trabalha para incutir nos usuários da Internet a idéia de que certos “sites” serão sempre mais ricos do que outros. Assim, aconselha-se o abandono da navegação errática em prol da visita orientada aos lugares privilegiados e organizados pelos incontornáveis profissionais da comunicação.

As novas tecnologias da comunicação (Internet) surgem como a última esperança de criação de uma esfera pública real e ampla, capaz de quebrar esquemas caricaturais de emissão-recepção unilaterais. O Brasil precisa de uma nova esquerda, de um projeto capaz de aliar generosidade, firmeza, prática consistente, crítica permanente e ambição norteadora

libertária. Para isso, é preciso, por um lado, enfrentar e alterar o imaginário da mídia convencional. Reinventar o mundo implica reinventar as próprias utopias para que elas sempre correspondam ao princípio fundamental de solidariedade, justiça, igualdade, liberdade e autonomia intelectual.

Uma esfera pública, mesmo virtual, representa o oposto dos privilégios, mesmo dos que distinguem intelectuais. Nela, apenas os argumentos têm valor. Como ficaria o jogo de cena que opõe os detentores de espaço contra os sem espaço, os computadorizados contra os sem computador, os convidados contra os excluídos da mídia? Ainda não é possível saber. Moderado, o ceticismo é um santo remédio contra as ilusões do novo: Internet introduz um dado revolucionário no mercado das trocas simbólicas, mas até agora não há garantia de que conseguirá englobar a maioria da população mundial numa esfera pública cujos valores e interesses ultrapassem os limites do tecnológico.

Além disso, o problema da visibilidade permanece. Até agora, Internet aparece como um duplo do real, um universo obscuro onde tudo circula, mas nada se reflete nas calçadas, em manchetes ou nas telas das salas de jantar. Questão de tempo? Talvez. Como também pode ser uma questão de tempo a implantação de mecanismos de controle (sites de distinção) desse espaço aberto, verdadeiro abismo, capaz de tirar o sono dos capitalistas de plantão.

Nota

¹ Quanto à crítica da sociedade do espetáculo, ver Débord, 1967. Quanto aos perigos da televisão, ver Popper, 1994.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. La dialectique de la raison. Paris: Gallimard, 1974 [1947].
- _____. Dialectique negative, Paris: Payot, 1992 [1966].
- AKOUN, André. L'illusion sociale. Paris: PUF, 1989.
- BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. Le crime parfait. Paris: Galilée, 1995.
- _____. La pensée radicale. Paris: Sens & Tonka, 1994.
- _____. L'illusion de la fin ou la grève des événements. Paris: Galilée, 1992.
- _____. A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papyrus, 1990.
- _____. À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. Les stratégies fatales. Paris: Grasset, 1983.
- DEBORD, Guy. La société du spectacle. Paris: Gallimard, 1992 [1967].
- DEBRAY, Régis. Curso de midialogia geral. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. Le discours philosophique de la modernité. Paris: Gallimard, 1988 [1985].
- _____. Modernidad: un proyecto incompleto. In: CASULLO,
- JAMESON, Frederic. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.
- LÉVY, Pierre. La machine univers, création, cognition et culture informatique. Paris: La Découverte, 1987.
- _____. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LYOTARD, Jean-François. O pós-moderno. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. La conquête du présent: pour une sociologie de la vie quotidienne. Paris: PUF, 1979.
- _____. La connaissance ordinaire: précis de sociologie compréhensive. Paris: Méridiens, 1985.
- _____. Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.
- _____. A contemplação do mundo. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995.
- _____. A transfiguração do político: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORIN, Edgar. O Método 3 - O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999 (no prelo).
- _____. O Método 4 - As Idéias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. Terra-pátria. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- _____. Para sair do século XX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. Mes démons. Paris: Stock, 1994.
- NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ONFRAY, Michel. La sculpture de soi: la morale esthétique. Paris: Grasset, 1995.
- PARENTE, André (org.). Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- POPPER, Karl e CONDRY, John. La télévision: un danger pour la démocratie. Paris: Anatolia, 1994.
- ROSNAIS, Joel de. L'homme symbiotique: regards sur le troisième millénaire. Paris: Seuil, 1995.
- SFEZ, Lucien. As tecnologias do espírito. In Revista Famecos - Mídia, cultura e tecnologia, n.6. Porto Alegre: junho de 1997, p.7-16.
- VIRILIO, Paul. Vitesse et politique. Paris: Galilée, 1977.
- _____. L'horizon négatif. Paris: Galilée, 1984.
- _____. La machine de vision. Paris: Galilée, 1988.
- _____. Esthétique de la disparition. Paris: Galilée, 1989.
- _____. L'insécurité du territoire. Paris: Galilée, 1993.
- _____. La vitesse de libération. Paris: Galilée, 1995.
- WINKIN, Yves (org.). La nouvelle communication. Paris: Seuil, 1981.
- WOLTON, Dominique. L'éloge du grand public: une théorie critique de la télévision. Paris: Flammarion, 1990.

* Juremir Machado da Silva é Doutor em Sociologia pela Université Paris V - Sorbonne, Professor da FAMECOS/PUC-RS e Pesquisador do CNPq. Publicou nove livros, entre os quais Anjos da perdição - Futuro e presente na cultura brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996 e Brésil, pays du présent. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.
